

12300 - A formação, a evolução e o fim da Brigada Orgânica do Assentamento Celso Furtado, PR

The formation, the evolution and the end of Organic Brigade of Settlement Celso Furtado, PR

BOZA, Christiano¹; PEREIRA, Manuela Franco de Carvalho da Silva² XAVIER, Leonardo Pereira³

1 UFFS, *campus* Laranjeiras do Sul, boza.christiano@yahoo.com.br; 2 UFFS, *campus* Laranjeiras do Sul, manufcsp@gmail.com; 3 CEAGRO

Resumo: O presente relato de experiências tem por objetivo fazer uma reflexão acerca dos acontecimentos que marcaram a formação, a evolução e o fim da produção agroecológica na Brigada Orgânica do Assentamento Celso Furtado, localizado no município de Quedas do Iguaçu, estado do Paraná.

O que se nota é que as práticas que tendem ao assistencialismo são grandes desagregadoras do processo de construção da agroecologia. Também a falta de acompanhamento técnico satisfatório, o não cumprimento de prazos estabelecidos e a demora nos repasses de recursos do INCRA desestimularam muitas famílias a seguirem produzindo de forma agroecológica.

Palavras-chave: Assentamento, Celso Furtado, Brigadas.

Contexto

O acampamento do que veio a ser o Assentamento Celso Furtado teve início no ano de 2003 na área da empresa Araupel e que fora da Fazenda Giacomet.

Localizado no município de Quedas do Iguaçu, estado do Paraná, com mais de 1100 famílias assentadas, hoje o Assentamento Celso Furtado é um dos maiores assentamentos da América Latina.

Os debates sobre produção orgânica e agroecologia são manifestações constantes nos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Isso porque faz parte do processo de formação de consciência dos acampados, visto que o modelo do agronegócio, além de atender aos interesses das transnacionais e dos latifundiários, quando aplicados a pequenas unidades de produção geram endividamento crônico, fomentando o arrendamento de lotes, a busca por empregos na cidade e, conseqüentemente, a venda do lote.

Entendendo a produção dessa forma, desde o início da década de 2000 o MST vem incentivando e implementando ações de fomento à agroecologia, como pode ser visto nas resoluções de todos os Congressos Nacionais do MST destes anos pra cá.

As informações contidas no presente relato de experiências foi levantada a partir de diálogo semi-estruturado com informantes-chave da assistência técnica do Assentamento do ano de 2010, de famílias assentadas residentes na Brigada Orgânica e de Linha do Tempo feita com um grupo de famílias que permanecem praticando a agroecologia em

seus lotes.

Ressalta-se que, antes de tudo, as opiniões aqui emitidas não são representativas de todos os assentados da Brigada Orgânica. Representa a opinião das famílias que estiveram em diálogo próximo e que participaram das discussões sobre agroecologia no período de trabalho deste no Assentamento. Também cabe aqui as interpretações por este realizadas a partir destas informações.

Descrição da experiência

No princípio do acampamento houve famílias interessadas em trabalhar com produção orgânica num futuro assentamento. Porém eles estavam distribuídos nas diversas Brigadas¹.

Alguns companheiros se esforçaram no sentido de reunir todas as pessoas espalhadas nas demais brigadas que tinham interesse de adotar a agroecologia como orientação das suas ações produtivas no futuro assentamento.

Sendo assim a formação da Brigada Orgânica teve crescimento exponencial dentro do acampamento.

A formação da Brigada Orgânica chamou a atenção de muitas organizações que vêm levantando esta bandeira, principalmente pelo número de pessoas interessadas e pela experiência que esta poderia trazer na construção de territórios agroecológicos.

Como principais ações foram destacadas pelas pessoas consultadas, a parceria do MST com a ONG WWF, que dava vários cursos ligados às técnicas de produção. Muitos desses cursos eram dados pelos próprios assentados.

Ainda dentro das ações, algumas pessoas da Brigada foram selecionadas para fazerem cursos sobre a temática fora do assentamento com pessoas renomadas, destacados cursos de Sistemas Agroflorestais com Ernest Götsch.

Outros chegaram a cursar Técnico em Agroecologia nas diversas escolas do MST pelo país. Houveram distribuições de sementes crioulas de milho, feijão, arroz, além de adubos verdes, conseguidos com as organizações que produzem e resgatam estes patrimônios da humanidade.

Ao passo que todas estas ações iam ocorrendo, como relatam os assentados, mais interessados surgiam para ingressar nesta Brigada. E o número aumentou principalmente quando foi anunciado que as pessoas da Brigada Orgânica teriam prioridade de serem assentadas. Chegou-se ao número de 76 famílias nesta brigada, não chegando a mais porque fora limitado a esta quantidade.

O quadro estava dado e muitas possibilidades surgiam. Muito se sonhava a respeito desta futura comunidade que poderia ser uma referência em território agroecológico. Porém é no alimentar desses sonhos que são levantados o que podemos entender como os

¹ Brigadas são organizações de base dos acampamentos do MST que tem por objetivo organizar as famílias acampadas em números menores com vistas a facilitar os processos decisórios.

maiores problemas para esta brigada.

Foram feitas muitas promessas com relação a atividades que facilitariam a prática agroecológica, como relatam os assentados, que em no máximo dois anos eles obteriam o selo de produtores orgânicos através de organização em Núcleo de Agroecologia ligado à Rede Ecovida.

Promessas de obtenção de tratores e de que a comercialização seria garantida, organizando-se feiras foram feitas. Também foi prometido que se escreveria projetos para programas do governo como o PAA e PNAE, que ofereciam um acréscimo no preço pela matriz de produção.

Vale destacar que todas essas promessas vinham com prazos.

Também foi plantada a idéia de que os produtos orgânicos tem preços diferenciados no mercado e que seria uma alternativa com maior viabilidade econômica.

Em raros momentos eram levantadas as hipóteses de que o trabalho com agroecologia exige bastante formação e acompanhamento técnico, visto que, ao que parece, alguns entenderam que a agroecologia (ou produção orgânica) consistia unicamente em não fazer uso de venenos nem e adubos de síntese química. Além disso, quando há pouca experiência produtiva e domínio das tecnologias agroecológicas a necessidade de mão de obra pode chegar a um ponto de insustentabilidade.

Após as famílias serem assentadas, no início de 2005, iniciaram os problemas. O tempo passava e os prazos não iam sendo cumpridos. Dois assentados que cursaram Técnico em Agroecologia numa das escolas do MST, e que inclusive foram animadores do debate no período de assentamento foram escalados para realizar ATER oficial na então Comunidade Orgânica.

As expectativas das promessas de acampamento recaíram sobre estes técnicos, que orientavam no sentido de que não fosse feito uso de venenos e adubos químicos nas lavouras, com o risco de não se enquadrarem nas exigências para uso do selo orgânico da Rede Ecovida, como relatam os assentados.

Os primeiros anos se passaram e as várias dificuldades relativas à consolidação das famílias assentadas deixavam os assentados impacientes. A demora e não cumprimento dos prazos acordados em acampamentos aliados à demora de repasse dos recursos iniciais do INCRA levaram algumas famílias a desistirem da produção agroecológica.

Também fora levantado pelas famílias que a falta de acompanhamento técnico satisfatório levou a desistência de tantos outros em anos posteriores.

Os que mais tempo resistiram seguiam sem o uso de insumos químicos, principalmente venenos e adubos, porém desconhecendo as técnicas da agroecologia. Ou seja, cultivavam lavouras de milho, feijão, mandioca, dentre outros em monocultivo, levando a uma excessiva necessidade de mão de obra e penosidade do trabalho, principalmente no controle das plantas espontâneas, controladas com o carpir.

Resultados

Diante do acontecido, em 2010, quando fora iniciado o contato com estas famílias no sentido da construção da Rede Ecovida de Agroecologia no Território da Cantuquiriguaçu, PR, das 76 famílias que compunham a Brigada Orgânica, apenas 8 se mantinham produzindo sob esta orientação. Notou-se que estas famílias mantinham alguns elementos de sustentação, como a relação de parentesco, a proximidade geográfica (são vizinhos ou moram próximo), a presença de um Técnico em Agroecologia dentro do grupo e uma sensibilidade maior quanto às questões de preservação ambiental.

Porém nem tudo foi perdido. À medida que as oito famílias que se mantiveram produzindo e vivendo de forma agroecológica e que estas passaram a participar a Rede Ecovida de Agroecologia, outras famílias demonstraram interesse em resgatar o trabalho agroecológico. Também nos diálogos semi-estruturados realizados nota-se que há interesse de muitos em voltar a trabalhar sob a matriz agroecológica, desde que haja orientações satisfatórias no que diz respeito as técnicas produtivas, certificação e comercialização dos produtos.

Como lição deste processo, que poderia ter culminado num território agroecológico de referencia para o Território da Cantuquiriguaçu e para o Paraná, ficam alguns pontos:

- Evitar que os diálogos sobre agroecologia nos acampamentos venham acompanhados de prazos;
- Evitar que sejam feitas promessas, que dão a entender que alguém fará pelo grupo;
- Trabalhar no sentido de empoderamento das famílias;
- Prestar acompanhamento técnico satisfatório em agroecologia, principalmente no início do assentamento;
- Maior agilidade na liberação dos recursos iniciais para implantação dos assentamentos.

Agradecimentos

A todos os assentados que pacientemente contribuíram nos diálogos e levantamentos feitos e ao CEAGRO, que vem plantando a semente da agroecologia em todo o Território da Cantuquiriguaçu.